

1968

50 ANOS DEPOIS

Em 2013, os jovens retornaram às ruas, como nos anos 1960. Mas agora o ativismo tem que encarar o desencanto. **PÁGINA 11**

1968

50 ANOS DEPOIS

O ATIVISMO NA ERA DO DESENCANTO

As lições do movimento de 1968 que chegaram até o Brasil dos dias atuais

GABRIEL CARIELLO
opais@oglobo.com.br

Os estudantes tomaram as ruas. Os operários pararam as máquinas. Os negros cerraram os punhos, e as mulheres queimaram os sutiãs. Revistos com o benefício do tempo, gestos de antes, durante e depois de 1968 hoje transformam aquele ano no ponto de convergência do ativismo no século XX — um século que oscilou entre o autoritarismo e a rebeldia. Cinquenta anos depois, algumas lições daquele momento histórico ainda reverberam, enquanto a ação ativista busca novas estratégias para não se pulverizar na era do desencanto.

Pensar o engajamento político no mundo em 2018 significa esbarrar em *Brexit* e Trump, palavras que não existiam no vocabulário ativista no início da década, quando Primavera Árabe e *Occupy Wall Street* eram sinônimos de esperança. No Brasil, mal nos acostumamos a falar das "Jornadas de Junho de 2013". Já no ano seguinte, a Lava-Jato surgiu.

O mundo parecia experimentar outra vez, a primeira desde 1968, fagulhas de uma "combustão espontânea", como o es-

critor Mark Kurlansky chamou a sucessão de protestos em diferentes nações.

— Os movimentos de 1968 foram eclodindo em vários países, sem ter necessariamente relação uns com os outros. O sentimento geral era o de luta pela liberdade, fosse política, social ou individual — explica Regina Zappa, autora, com Ernesto Soto, de "1968: eles só queriam mudar o mundo".

O protagonismo foi dos jovens. Dos subúrbios de Paris às ruas de Praga, nas marchas de Washington e nas passeatas da Cinelândia, a juventude contestava as estruturas que dominavam suas vidas, cotidianos e relações familiares. Décadas depois, os jovens voltaram às ruas. A partir de 2010, uma onda de protestos na Tunísia e no Egito foi o epicentro da Primavera Árabe, que se propagou. Levou jovens americanos a ocupar o centro do sistema financeiro internacional. Provocou confrontos violentos entre policiais e manifestantes na Turquia. E chegou ao Brasil em 2013, com os movimentos contra o aumento nas tarifas de transporte.

Após cinco anos, no entanto, paira a sensação de que as denúncias de corrupção impediram que o engajamento político, para questões nacionais, se mantivesse nas ruas.

— Em tese, esse desencanto deveria ser um facilitador para aglutinar pessoas, por meio da indignação com a corrupção e com a incompetência. O que o transforma em elemento enfraquecedor é a sensação de que o sistema político-partidário é muito forte, capaz de se autoprotoger e neutralizar a renovação — avalia o jornalista Fernando Gabeira.

O documentarista João Moreira Salles, autor do filme "No intenso agora", sobre os eventos de 1968 na França e na antiga Tchecoslováquia, pondera que as atuais mobilizações carregam desejos de recuperar valores perdidos pela sociedade.

— Tem algo de regressivo nos sonhos dos que ocupam as ruas no século XXI. São utopias de retrovisor, que projetam no futuro um passado do qual se está nostálgico. Na esquerda mais clássica, o do pleno emprego das economias fabris e produtivistas que não existem mais, e não voltarão a existir; na vertente mais anarquista, é o ideal das pequenas comunidades, do consumo local, do assembleísmo, de algum flerte com saberes pré-científicos, da vida fora do sistema. Difícil imaginar como isso pode responder às complexidades de um mundo sistematicamente interconectado — afirma o documentarista, por e-mail.

CONQUISTAS SOCIAIS SÃO LEGADO

O movimento de 1968 deixou legado. Movimentos de cunho social, como o feminismo e a luta identitária, costumam ser citados como exemplos de ativismo que se nutre do espírito daqueles jovens.

— Foram várias conquistas de comportamento, sociais e ganhos de liberdades individuais — diz Regina Zappa.

O diretor-presidente da Aliança Nacional LGBTI, Toni Reis, acredita que, depois dos atos de 2013, os movimentos sociais perceberam que o diálogo passou a ser uma estratégia mais eficiente.

— Eu fazia um ativismo *hard* e mudei. Hoje, sento com gente da extrema esquerda à extrema direita. Às vezes é preciso endurecer, mas não pode ser só ativismo emocional e com palavras de ordem.

Para João Moreira Salles, ainda não é possível determinar a amplitude da influência das Jornadas de Junho no país.

— Correndo por baixo da superfície, no tempo lento da História, coisas estão acontecendo, pequenas fissuras, quebras na rigidez, um rearranjo silencioso e invisível de forças que, mais à frente, aflorarão produzindo efeitos. Não é uma dinâmica que se possa controlar. Algo semelhante acontecerá no Brasil do pós-2013. Não voltaremos para o lugar onde estávamos. ●

ATIVISMO EM 1968

- Operários pararam as fábricas
- Mulheres queimaram os sutiãs
- Negros cerraram os punhos
- No Brasil, passeatas contra a ditadura militar
- Atuação de mais enfrentamento

ATIVISMO NOS DIAS DE HOJE

- Protestos contra o aumento das passagens
- Primavera Árabe se espalha
- Jovens criam o *Occupy Wall Street*
- No Brasil, desalento com corrupção pós-2013
- Mais espaço para o diálogo nas ações

AS IMAGENS INÉDITAS DA PASSEATA DOS CEM MIL

NICOLLAS WITZEL
nicollas.witzel@oglobo.com.br

O pesquisador Antônio Venâncio, um dos mais atuantes profissionais no garimpo de imagens para o cinema brasileiro, encontrou filmes inéditos de alguns dos principais acontecimentos políticos do período da repressão. Os registros foram feitos durante a Passeata dos Cem Mil, quando uma multidão foi ao Centro do Rio no dia 26 de junho de 1968 para protestar contra o governo do general Artur da Costa e Silva.

Durante uma pesquisa para outros projetos de que participa, Venâncio encontrou o material no acervo de um colecionador de São Paulo. Nas imagens, estão artistas como Caetano Veloso, Chico Buarque e Vinicius de Moraes sentados no Centro, em protesto liderado por Vladimir Palmeira. Outros grandes nomes da cultura carioca, como o Profeta Gentileza e a atriz Norma Bengell, também são vistos entre os manifestantes. O filme ainda registrou momentos de conflito com as forças opressoras do regime, que avançam com a cavalaria para cima

dos estudantes, disparando tiros e lançando bombas de gás.

— São imagens brutas, de qualidade, tratando de pelo menos duas grandes manifestações da época. Além da Passeata dos Cem Mil, tem um outro evento, que ainda não identificamos, mas que aconteceu no mesmo ano. Chama atenção a riqueza de detalhes, os personagens filmados. É uma preciosidade — detalha Patrícia Machado, pesquisadora e doutora em comunicação e cultura.

Venâncio, uma referência brasileira na caça a imagens do passado, com créditos em filmes como “A música segundo Tom Jobim” e “No intenso agora”, estima que pelo menos 70% do material filmado no Brasil até os anos 60 tenha se perdido:

— O clima não favorece. É muita umidade, e o material se deteriora. Além disso, somos um país que não direciona recursos para investir na conservação da cultura.

A identidade do cinegrafista permanece desconhecida. Não se sabe, inclusive, se as imagens foram feitas por um civil ou por um agente infiltrado da repressão. O jornalista Zuenir Ventura, autor do livro “1968: o ano que não terminou”, viu o material e afirma que é a primeira vez que aparece num filme da época:

— Eu estava na ala dos professores. Fico emocionado de ver o Fernando Sabino, o Antônio Callado, todos juntos na passeata. As imagens são ouro puro, uma relíquia que estava perdida e agora achamos. O Venâncio acha tudo. ●



VÍDEO: ASSISTA ÀS IMAGENS DA PASSEATA Grupo foi às ruas contra a ditadura militar glo.bo/2KcTjXr

CARLOS IVAN/20-06-2013



Jornadas de Junho. Passeata na Cinelândia: atos surgiram contra aumentos de tarifa

ACERVO/ANTÔNIO VENÂNCIO



Passeata dos Cem Mil. Manifestação contra a ditadura foi organizada por estudantes